

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17190 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 16 - Relações Étnico-Raciais

FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EQUIDADE RACIAL E A CONSTRUÇÃO DE UMA REDE ANTIRRACISTA NO RIO GRANDE DO SUL

Viviane Weschenfelder - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPEEGS

FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EQUIDADE RACIAL E A CONSTRUÇÃO DE UMA REDE ANTIRRACISTA NO RIO GRANDE DO SUL

RESUMO

Esta comunicação compartilha resultados de uma pesquisa desenvolvida com professores/as das redes municipais de ensino do Vale do Sinos, no Rio Grande do Sul, que teve como objetivo central desenvolver práticas pedagógicas inovadoras sobre diversidade étnico-racial, com vistas ao fomento da equidade racial. Discute a formação continuada de professores para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e a importância do fortalecimento de redes antirracistas, na articulação entre universidade e Educação Básica. A metodologia é qualitativa, de natureza aplicada, com a perspectiva de/formação. Os dados mostram que a formação desenvolvida foi potente por ter se constituído como laboratório, propiciando a troca e o fortalecimento de ações individuais e coletivas.

PALAVRAS-CHAVE: Equidade Racial. Formação continuada. Educação Antirracista. Educação Básica.

Esta pesquisa foi realizada na região do Vale do Rio dos Sinos, que abarca 14 municípios e é considerada o berço da imigração alemã no estado. Entendemos essa região como um lócus privilegiado para analisar os efeitos do discurso eurocêntrico, excludente e invisibilizador da presença das populações negras e indígenas na sua constituição (Silva, 2007). Tal discurso ainda circula com força nas escolas e produz efeitos importantes na construção da subjetividade de todos os estudantes e docentes, especialmente aqueles que historicamente recebem o ônus da exclusão.

No cenário acima descrito, somado à crise causada pela pandemia de COVID-19, o trabalho com a equidade racial na educação assume grande relevância. A equidade difere da igualdade como conceito, uma vez que está diretamente vinculada à justiça e consiste em fomentar estratégias para eliminar as barreiras que impedem a igualdade de oportunidades.

(Rodrigues, 2014).

A pesquisa contou com financiamento da FAPERGS e visou a atender à obrigatoriedade legal da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), expressa no Art. 26A da LDBEN desde 2003. O objetivo foi desenvolver, com professores(as) de Ensino Fundamental, práticas pedagógicas inovadoras que trabalhassem a diversidade étnico-racial na interface com as metodologias ativas e as tecnologias digitais, promovendo a equidade racial no Vale do Rio Sinos. Para tanto, foi constituído um grupo com 35 professores oriundos de dez municípios da região. Ao longo de 2022, um curso de extensão, com nove encontros virtuais e um encontro presencial, deu materialidade ao que nomeamos como Laboratório de Docências Contemporâneas - LABDOC Equidade Racial. Em 2023, foi organizado um livro com as práticas pedagógicas desenvolvidas, e, em 2024, entrevistas estão sendo realizadas com os/as participantes.

Entendemos como formação continuada as atividades desenvolvidas por docentes com o intuito de qualificar sua prática pedagógica ao longo de seu exercício profissional, isto é, após a etapa de formação inicial que concede a habilitação para a docência. Ocorre tanto por iniciativa dos/as próprios/as docentes, que buscam oportunidades de especialização em encontros formativos, cursos de curta duração ou pós-graduação, quanto proporcionada pelas redes mantenedoras de educação. Dentre as muitas temáticas que necessitam de formação continuada na Educação Básica contemporânea, deve estar a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), mais recentemente também nomeada como Educação Antirracista.

Há mais de duas décadas, o artigo 26A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) estabelece como obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena nos currículos escolares. Contudo, o Tribunal de Contas do Rio Grande do Sul (TCE-RS) aponta que “mais ou menos 90% dos municípios gaúchos declararam que não houve investimento financeiro na implementação da lei” (Miola, 2021, p. 5). Essa inércia na implementação da ERER, que reverbera em pouca ou nenhuma formação continuada sobre a temática, pode ser entendida como estratégia de manutenção do racismo estrutural (Almeida, 2019) e de permanência do que Bento (2022) caracterizou como “Pacto da Branquitude”.

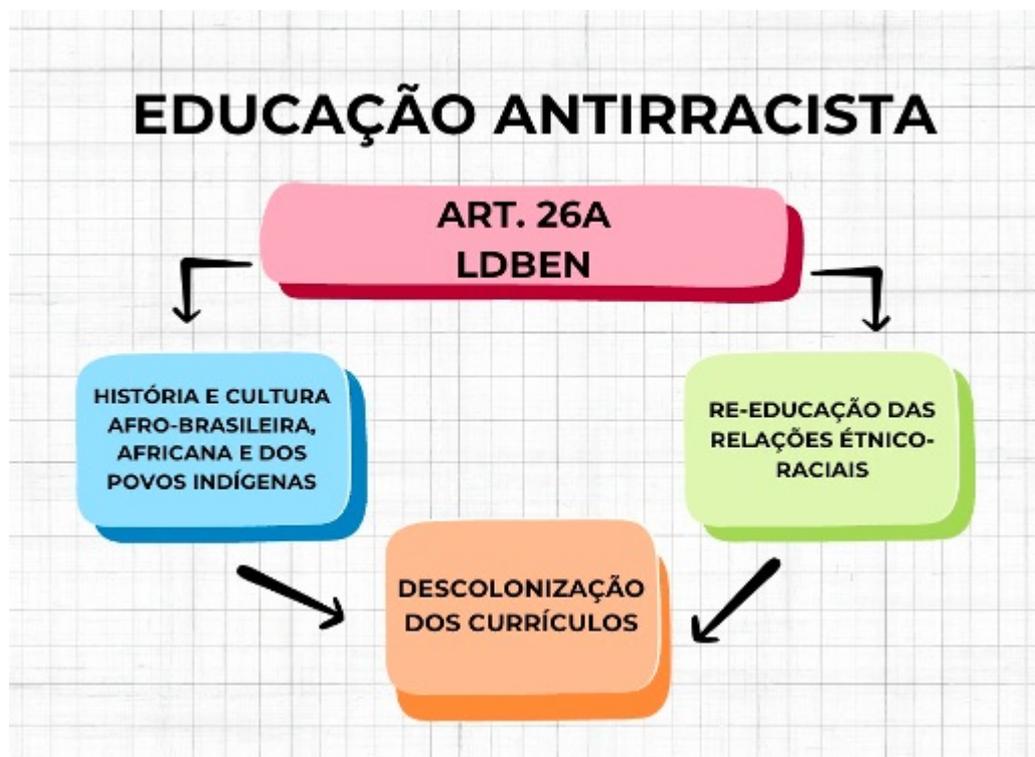
Além disso, ao mapearmos as experiências formativas sobre a ERER que ocorrem na região, percebemos que, quando existem, a maior parte ocorre por meio de palestras contratadas pelos municípios, sobretudo, para dar conta de exigências legais. Todavia, como nos mostrou Gatti (2003, p. 192),

Os conhecimentos adquirem sentido ou não, são aceitos ou não, incorporados ou não, em função de complexos processos não apenas cognitivos, mas socioafetivos e culturais. Essa é uma das razões pelas quais tantos programas que visam a mudanças cognitivas, de práticas, de posturas, mostram-se ineficazes.

Não é de estranhar que os relatórios do TCE/RS evidenciem o fazer pedagógico de

alguns poucos docentes que implementam a EREER em suas salas de aula com postura antirracista e que estes acabem respondendo com sua ação por toda a escola ou mesmo por todo o município. (Rosa, 2020). Estes/as docentes, negros/as e brancos/as, no geral, têm proximidade com a temática, que os mobiliza a ir além e investir em sua própria formação continuada.

Entendemos a Educação Antirracista como um campo que articula o ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena, propiciando a revisão e a adição de conhecimentos sobre a temática, e a Educação das Relações Étnico-Raciais, que oportuniza a desconstrução do racismo e o desenvolvimento de relações mais respeitadas. Ambos são fundamentais para que se cumpra o que preconiza o Art. 26A da LDBEN. Juntos, caminham para a desconstrução da matriz eurocêntrica dos currículos escolares – a descolonização dos currículos (Gomes, 2012). Vejamos a imagem abaixo:



Fonte: Elaborado por uma das autoras, 2024.

É considerando o tamanho da empreitada que propusemos uma pesquisa formativa com docentes do Vale do Sinos que fomentasse a equidade racial a partir do fazer pedagógico em sala de aula no momento delicado da pandemia. A seguir, descrevemos os principais caminhos metodológicos da pesquisa.

A pesquisa caracterizou-se como qualitativa, de natureza aplicada e finalidade formativa, com produção de dados que pudessem impactar diretamente o campo pesquisado. O estudo assumiu a crítica radical ou a hipercrítica (Veiga-Neto, 2020) como premissa,

procurando-se exercitar a problematização contínua dos discursos vigentes e das próprias verdades que nos constituem como sujeitos professoras e pesquisadoras. Atuando com professores/as de Educação Básica, a investigação teve o formato de *pesquisa de/formação*,

uma concepção de pesquisa como uma metodologia, em que a própria ação de pesquisa funciona como formação dos participantes daquele processo investigativo. É um tipo de pesquisa que, em todos os seus momentos, pretende ser formativa, participativa e colaborativa. (Fabris; Lima, 2022, p. 152)

Ao longo do estudo, foram observados os cuidados éticos da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Os municípios assinaram carta de anuência, e os participantes, o TCLE, autorizando a gravação dos encontros síncronos e o uso dos dados para publicação. Foram realizados dez encontros, sendo nove *online* pelo Google Meet e um presencial, entre os meses de maio e novembro de 2022. Os/as professores/as foram indicados pelas Secretarias Municipais de Educação, a partir de alguns critérios sinalizados: ser atuante nos anos finais; exercer a docência nas áreas de maior vulnerabilidade do município; e ser, preferencialmente, negro ou indígena. Mesmo cientes de que nem todos/as seriam negros/as e indígenas, o recorte racial foi indicado para garantir a diversidade étnico-racial do grupo de participantes, o que de fato ocorreu.

Após a finalização do *e-book* com a publicação dos projetos desenvolvidos no primeiro ano de trabalho, estão sendo realizadas entrevistas semiestruturadas com participantes do LABDOC Equidade Racial, a fim de compreendermos a trajetória ético-político-pedagógica desses/as docentes e a contribuição da pesquisa de/formação em sua jornada.

A seguir, apresentamos a análise de alguns trechos de quatro entrevistas, sendo uma realizada via Google Teams e três em encontros presenciais.

Vindo da forma que veio, teve outro peso, entende? Outro peso, porque, mesmo que a gente já tivesse ido à Secretaria, falado [...] que a gente fazia encontros virtuais, mas o peso foi totalmente diferente. Eles nunca pediram para conversar com a gente antes do LABDOC. [...] Sabe o pessoal, o grupo, assim, estava vibrante. (Entrevista 1, 01/03/24)

Esse depoimento é de uma participante que relatou perceber o avanço com o trabalho na ERER em seu município mediante a atuação junto ao LABDOC Equidade Racial. No ano em que as Diretrizes completam 20 anos de existência (MEC/SEPPPIR, 2004), estudos como o de Pinheiro (2023) apontam que não é só a falta de formação continuada que desafia a implantação da legislação, mas também uma teia de interesses subjetivos que insistem na manutenção do racismo estrutural. Ainda assim, diante de tantos desafios, interessa olhar para iniciativas bem-sucedidas e valorizar os docentes engajados em uma educação inclusiva e antirracista, como é o caso dos participantes do LABDOC Equidade Racial.

Salienta-se que os participantes indicados pelas redes municipais, em grande maioria, já atuavam com a ERER em suas práticas pedagógicas. Vários têm especialização, mestrado e até doutorado, com significativas experiências na educação antirracista. Porém, desde os primeiros encontros do LABDOC Equidade Racial, disseram sentir-se sozinhos em sua ação, e alguns até mesmo ameaçados, devido ao seu compromisso com a diversidade, como Johann (2024) constatou em sua pesquisa sobre educação em direitos humanos. Nos excertos das entrevistas abaixo, identificamos a importância que os entrevistados destinaram à formação continuada do LABDOC Equidade Racial:

O LABDOC [...] não foi algo pronto como se fosse nos dar uma aula de educação, das relações étnico-raciais. [...] Trouxe bem a metodologia da escuta, da conversa, da construção e de pensar a educação, as relações étnico-raciais. (Entrevistado 2, 10/06/24).

A formação do LABDOC me deu mais subsídio, mais uma fundamentação teórica para fazer mais as coisas, não só instintivamente, mas buscar uma fundamentação daquilo. [...] Mas tem uma intencionalidade maior. (Entrevistada 3 13/06/2024)

Achei útil por poder compartilhar com o pessoal materiais que eu tinha recebido de outros colegas, bibliografias interessantes, livros e até pedagógicas. Aprendi bastante, uma grande experiência. (Entrevistado 4, 14/06/2024)

As narrativas destacam a metodologia utilizada nos encontros, que privilegiaram o compartilhamento de práticas já desenvolvidas, propostas de solução de situações com racismo na escola, escuta das angústias e anseios dos participantes, articulando os temas propostos com metodologias ativas. Partimos do pressuposto de que estávamos entre colegas e de que o trabalho realizado por cada um/a já era relevante e merecia ser ampliado e potencializado. Assim, vimos o LABDOC Equidade Racial tornar-se um espaço favorável de experiência coformativa. Segundo Bahia e Fabris (2022, p. 120), “a experiência coformativa pode ser o mote para desenvolver um trabalho coletivo e ético dentro das escolas e da universidade”.

A elaboração de um projeto pedagógico a ser desenvolvido na escola em pequenos grupos deu origem a capítulos do livro, uma das entregas da pesquisa. A produção escrita avançou no ano seguinte e contou com o engajamento da maioria dos participantes.

E a proposta de escrever um artigo [...] é no meu ponto de vista uma satisfação. É meio que teorizar a prática [...] Isso é um tipo de valorização, uma valorização intelectual. Eu achei essa valorização intelectual do trabalho do professor da educação básica de ser visto, de ser escutado, de ter oportunidade de escrever. (Entrevistado 2, 10/06/24).

Na pesquisa, consideramos participantes como pesquisadores da escola, valorizando sua autoria intelectual e incentivando sua própria voz na educação antirracista. Os dados permitem concluir que a formação desenvolvida foi potente por ter se constituído como

laboratório com professores engajados que atuam em diferentes municípios, propiciando a troca e o fortalecimento tanto da ação de cada participante quanto da atuação em rede. Evidenciou-se também a necessidade de mais formações consistentes para que as redes de ensino efetivem a Educação das Relações Étnico-Raciais e fomentem a equidade racial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BAHIA, S. B. B. H.; FABRIS, E. T. H. Experiência coformativa. In: LIMA, Samantha D. (Org.) **Vocabulário LABPED: saberes construídos no Laboratório Pedagógico de Experiências Educativas – Ano 1**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, p. 119-122.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

FABRIS, E. T. H.; LIMA, S. D. Pesquisa (de)formação. In: LIMA, Samantha D. (Org.) **Vocabulário LABPED: saberes construídos no Laboratório Pedagógico de Experiências Educativas – Ano 1**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, p. 151-154.

GATTI, B. A. Formação continuada de professores: a questão psicossocial. **Cadernos de Pesquisa**, n. 119, p. 191–204, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, Jan/Abr. 2012.

JOHANN, Cristiane A. **A educação em direitos humanos nos ambientes escolares e a parceria dos defensores públicos: contribuições em tempo de intolerância**. São Paulo: Diáletica, 2024.

MIOLA, Cezar. Prefácio. In: COUTO, Andrea Mallmann; ROSA, Graziela Oliveira Neto da; SANTOS, José Antônio dos. (Orgs.) **Educação Antirracista: Fiscalização e Desafios**. Porto Alegre: TCE/RS, 2021.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como Ser um Educador Antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RODRIGUES, David. Os desafios da Equidade e da Inclusão na formação de professores. **Revista nacional e internacional de educación inclusiva**, v. 7, n. 2, p. 5-21, Junio 2014.

ROSA, Graziela O. N. Educação antirracista: ausências e urgências na fiscalização do Art.26-A LDBEN no contexto escolar. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, jul-dez. 2020.

SILVA, Mozart Linhares da. **Educação, etnicidade e preconceito no Brasil**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2007.

UNICEF. **Cenário da Exclusão Escolar no Brasil: Um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação**. Abril, 2021.

VEIGA-NETO, A. A hipercrítica: mais uma volta no parafuso IV. **Momento: diálogos em educação**, v. 29, n. 1, p. 16-35, jan./abr., 2020.